

O adeus às férias

Mais nenhuma geração da história da humanidade andou mais por aí do que os *baby boomers*. Mas é muito possível que isso esteja agora a chegar ao fim. Frank Patalong tem dificuldade em digerir isso.

29.09.2020, 19h57m



Colunista Frank Patalong: «Come-se na zona de espera»

Foto: Victoria Jung/ DER SPIEGEL

Aeroporto de Düsseldorf, início de Setembro: chegámos demasiado cedo. Não está quase ninguém e, mesmo junto ao *check-in*, a fila é mínima. Passados dez minutos, já tínhamos tratado de tudo o que, antes, demorava uma hora, e até o controlo de segurança se fez numa questão de minutos.

«Vamos então comer qualquer coisa», diz Fiona. Mas essa tarefa revela-se difícil. Quase todas as lojas estão fechadas, apenas um balcão supostamente de «streetfood» já abriu na zona das partidas. Come-se na zona de espera e, aí, as máscaras caem.

As assistentes de bordo parecem um disco riscado

Não é uma sensação agradável. Estamos desconfortáveis e a coisa não vai melhorando. No avião, todos os lugares estão ocupados. É um pesadelo Covid, não há nada de positivo a dizer. Toda aquela conversa sobre os sistemas de climatização otimizados nos aviões é uma piada com a intenção de nos sedar o espírito. Estamos 40 centímetros atrás e à frente de outra pessoa e esfregamos os ombros contra os do vizinho, a realidade é esta e não outra. Se alguém quisesse sentir-se verdadeiramente protegido de ser contagiado, precisaria no mínimo de equipamento de mergulhador.

Em contrapartida, o avião está cheio de idiotas que acreditam que as máscaras se devem usar abaixo do nariz ou do queixo. As assistentes de bordo parecem um disco riscado: «Pode por favor colocar a máscara?». Não adianta, a taxa de idiotas é de 10 a 15 por cento.

Um ano antes, voar fazia parte das minhas rotinas. Houve anos em que quase cheguei às 100 descolagens e aterragens e, em dada altura, lá recebi um cartão de passageiro frequente Miles & More. Era como andar de autocarro.

Com sete anos, fui ao mar Negro

Mas eu era um *baby boomer* e tinha nascido num mundo completamente diferente. Os meus avós só em 1975 tinham descoberto o conceito de férias. Nos 25 anos que se seguiram, foram talvez umas dez vezes do Ruhr a Sauerland, e foi tudo. Os meus pais faziam férias connosco, mas só algumas vezes: com quatro anos sentei-me na areia de Zandvoort, acampámos junto ao mar do Norte neerlandês. Com dez, fui caminhar ao longo do rio Neckar, com doze estive numa quinta no vale do Fulda, com treze fui de autocarro até à Costa Brava.

Contudo, a mais espectacular das minhas cinco férias de criança foi a minha primeira viagem de avião. Em 1970, voámos até ao mar Negro com a companhia aérea romena Tarom num *Illjuschin* russo que era provavelmente ainda do tempo da guerra — eu tinha sete anos. Gritámos uns com os outros o tempo todo porque o ruído era imenso; saí do voo completamente traumatizado.

Mas: o mundo abriu-se de par em par e tudo passou a ser diferente! A noite era quente, no ar ainda pairava o odor adocicado a flores e a fritos açucarados que comerciantes de rua com um ar pobre vendiam em pequenas bancadas móveis. Na praia, podíamos coleccionar medusas e, por vezes, a milícia armada qual soldados andava com o jipe pela areia fora a perseguir os vendedores de praia, que pouco mais velhos eram do que eu: irritante, mas empolgante para nós, as crianças! Quando o meu pai decidiu que era uma ideia fantástica trocar divisas pela calada num qualquer *dealer* em vez de ir a um dos bancos do Estado ditatorial, a minha mãe pôs-se à janela do hotel a roer as unhas. Eu achava tudo isto fantástico: havia tanto para descobrir e as férias eram sinónimo de aventura!

Quando os nossos filhos saíram de casa, já nada nos travava

Nós, os *baby boomers*, ainda não tínhamos noção de que seríamos a geração das viagens. Duas rodas, quatro rodas, autocarro, comboio, avião: gradualmente, tudo passou a ficar mais disponível e economicamente acessível. Nos anos noventa chegou a Ryanair; até que enfim, a Fiona podia visitar a família na Irlanda pelo menos uma vez por ano. Mais dez anos passaram e as companhias *low cost* concorrentes já tinham baixado tanto os preços que era mais barato voar de fim-de-semana até Barcelona do que de comboio de Colónia a Hamburgo.

Nós, os *boomers*, fomos tirando partido de tudo isto com uma crescente naturalidade. Duas, três viagens curtas por ano começaram a substituir as grandes e únicas férias de Verão. Quando os nossos filhos saíram de casa, já nada nos travava, os voos tornaram-se mais longos e o mundo cada vez mais pequeno.

E depois? Depois, veio a Covid.

Discutimos a fio a decisão de, apesar de tudo, voarmos para Creta. Eu consultava todos os dias a situação viral no local: tranquila. Totalmente, plenamente, absolutamente tranquila. Muito, muito mais tranquila do que aqui.

Por isso, fizemos as malas.

Nos bastidores do nosso pequeno paraíso estava tudo a entrar em colapso

Chegados ao local, deparamos com quase tudo vazio, os ingleses tinham agora de fazer 14 dias de quarentena no regresso, em breve não restariam aos gregos mais do que nós, os teutões. «Vocês, os alemães», disse-me uma vendedora no centro histórico de Heraklion, «apoiam-nos há décadas». Fiquei tão pasmado que não me ocorreu nenhuma resposta espontânea ao estilo de um chanceler.

Toda a gente era incrivelmente simpática, todos se preocupavam. A maioria dos turistas tinha a nossa idade, é claro: muitos eram naturalmente reformados e ainda mais estavam numa fase da sua vida profissional em que têm poucos problemas em trabalhar a partir de casa. Vou ter de fazer quarentena, e depois?

Também nós apreciámos a estadia — mas nos bastidores daquele pequeno paraíso estava tudo a entrar em colapso. Muitos já não tinham emprego e muitos não sabiam se ainda o teriam no ano que vem. Todos temiam o Inverno que nada mais lhes iria trazer do que um apoio mínimo do Estado. Frangískos, que gosta de ser tratado por Frank, propôs-me um dia que comprasse o seu bonito bar vazio. Era uma piada, evidentemente. Mas também não o teria sido se eu tivesse dito que sim?

A Covid encolhe tudo outra vez

O turismo e o estilo de vida de viajante a que nos habituámos tanto revelam-se uma ilusão, compreendemos isso agora: não tem suporte, nenhuma estabilidade. A nossa liberdade móvel foi uma sorte do acaso, uma bênção do momento. É muito possível que isso esteja agora a chegar ao fim.

Não faço ideia se no próximo ano poderemos ou quereremos regressar. Viajar assemelha-se cada vez mais a um adeus ao estilo de vida a que tanto nos afeiçoámos. Pouco depois do regresso, amplas porções da costa neerlandesa foram declaradas zonas de risco. Neste Outono nem sequer vamos poder sentar-nos na areia de Zaandvoort.

Em retrospectiva, sei que, ao longo da vida, as minhas possibilidades se foram sempre alargando. A Covid faz que tudo encolha outra vez. As viagens são um luxo, sempre tive consciência disso, mas ainda assim tinha-me habituado. E nunca teria imaginado que teria tanta dificuldade em prescindir delas.

Artigo original: <https://www.spiegel.de/reise/baby-boomer-und-der-abschied-vom-urlaub-kolumne-a-6c573a17-6129-4fdd-af86-72d95793873b>

Pura Communications – Tradutora: Ana Pinto Mendes